
ECOLOGIA E FÉ:

UMA REFLEXÃO EM BUSCA

DE UMA PRÁXIS PASTORAL*



Fábio Luiz Ribeiro**, Dilermando Ramos Vieira***

Resumo: *a confiança na criação e em Deus deveria, ao natural, nos induzir ao engajamento visível e prático em defesa da vida. Deveríamos ser ecológicos como é o Deus da nossa fé, o criador e defensor da vida. O discurso e o exercício ecológico são recentes, mas a fé mesma deveria nos desafiar a cuidar da vida e a preservá-la, antes que a problemática relativa ao patrimônio natural comum se converta em crise. Não basta a afirmação consensual de que a saúde do indivíduo e, por extensão, a existência humana, intrinsecamente estão ligadas à oikós, ou seja, à casa de todos. Importa a atenção para com a saúde planetária e, mais particularmente, para com o meio em que se vive, cujos recursos respondem às contingências que se nos apresentam. Esta argumentação se torna prática quando se assume o discurso teológico da Igreja sobre a manutenção da criação e ao apoio que esta dá aos organismos que reforçam a pastoral ecológica e defendem a biosfera.*

Palavras-chave: *Criação. Igreja. Meio Ambiente.*

A obra da criação ainda está em curso, dadas as suas perspectivas futuras. Portanto, se a humanidade muda de postura ante Deus e assume Seus preceitos, isso incidirá com certeza na realidade em que vive, pois cada pessoa adotará um comportamento diverso quanto à natureza e ao inteiro ambiente em que

* Recebido em: 24.09.2019. Aprovado em: 12.11.2019.

** Mestrando em Teologia (PUCSP). Especialista em Psicopedagogia (Universidade do Oeste de Santa Catarina, Videira). Graduado em Ciências Contábeis (Univero), Filosofia (Fadisi) e Teologia (Marianum). Membro do Grupo de Pesquisa LERTE (Literatura, Religião e Teologia) da PUCSP. *E-mail:* fabioosm@gmail.com

*** Doutor em História Eclesiástica (Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma). Mestre em Teologia (Marianum). Graduado em Filosofia (PUC-MG) e Teologia (Pontifícia Universidade Católica de Santiago do Chile). Professor no ITESP e na Faculdade São Bento. *E-mail:* dilermando.ramos@gmail.com

se encontra. De forma simbólica, autores bíblicos têm consciência de que os outros seres participam da glória que Deus reserva ao seu povo: “É na alegria que vocês vão sair, e serão conduzidos na paz. Na passagem de vocês, montanhas e colinas explodirão em aclamações, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Is 55,12s). Aos filhos do próprio Criador é oferecida a responsabilidade de cuidar pela criação, e aqueles que a natureza assola, também serão dessolados: “Não danifiquéis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus.” (Ap 7,3).

O autor do Apocalipse proclama que esta esperança já se preanunciou: “Eu vi um novo céu e uma nova terra” (Ap 21,1). O conteúdo deste livro neotestamentário ao discorrer sobre a criação, não alude às origens do mundo e sim ao kerigma da ressurreição, porque apresenta o criar de Deus em sentido escatológico, como um chamado à vida. Em outras palavras, tem a ver com o ressuscitar e vivificar, pois se refere à realidade última, à nova criação.

Nesse pressuposto, pode-se conceber a restauração possível da criação em harmonia com os desafios pastorais. No caso, tratar-se-ia de uma ecologia encarnada em realidades nossas, seja de dor que de fé, razão pela qual as práticas litúrgicas conciliarium criatura e Criador, à luz da espiritualidade. A criação do universo, aliás, é apresentada como verdadeira interação de sabedoria e celebrações, serviço e práxis, ao que se associa a vivência espiritual.

AS RELIGIÕES E SUAS FUNÇÕES NO MUNDO EM RESPOSTA AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS

As religiões sempre assumiram o ignoto (causador de transtorno, por expor a ignorância humana a respeito do universo e do segredo da vida) e o reelaboraram numa episteme que conecta scientia (conhecimento) e contemplatio (contemplação).

Por conseguinte, em tempos de crise ambiental, quando buscamos rever nosso lugar no mundo, o propósito de manutenção do patrimônio ecológico, em suas motivações profundas, não pode dispensar a contribuição dos distintos credos, uma vez que todos os saberes e âmbitos de responsabilidade são solicitados à mútua cooperação em prol da vida humana e planetária.

As confissões religiosas, no caso, oferecem elementos potencialmente benéficos, por propiciarem aproximações intelectivas à concepção cultural, política e científica do mundo. Isto acontece quando física e metafísica, mantendo seus distintos campos de pesquisa, não eliminam a visão holística do mundo; a epistemologia supera a racionalidade instrumental, e os acervos técnicos e simbólicos, educadores da humanidade, sem renunciar à própria identidade, colaboram juntos para a formação de uma ética planetária.

Desse modo, o desconhecido ou não empiricamente demonstrável, antes que nos reter na ignorância, estimulam nosso intelecto para a aceitação de uma gnosiologia complexa e interdisciplinar, atenta à ética e promotora do conhecimento integral. Não são esses os componentes de uma efetiva Ecologia de Profundidade

para salvar a casa comum diante das transformações ambientais de destruição do próprio homem?

Além de conhecer e interpretar o mundo, as religiões o celebram como epifania da vida e obra da divindade. Os credos, portanto, podem contribuir seja através da educação que da mudança de hábitos, bem como através da informação e da valorização de tudo o que seja orgânico, produtivo e artesanal. Por este mister, as distintas confissões de fé (Budismo, Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo, Judaísmo) colaboram para um novo e profícuo encontro do homem com a natureza, propiciando o restabelecimento de seus vínculos. Fixados os parâmetros, os credos têm ainda a possibilidade de contribuir pedagogicamente para a consciência ecológica, reeducando-nos para a integração saudável com o ecossistema e preservação integral da vida. De acordo com Gotlieb (2010, p. 17), “existe uma linha tênue e bastante sutil entre o ambientalismo e a ecoespiritualidade”.

Situadas entre o ecológico e o econômico, as religiões são parceiras da filosofia, da cultura, da ética e da educação, na tarefa de defender e preservar a vida. Missão gigantesca, que solicita toda a riqueza hermenêutica, simbólica e pedagógica das virtudes religiosas. A crise ambiental, tão discutida nos últimos anos, se tornou referencial crítico não só para a industrialização, o consumismo e a exclusão social, mas também para as religiões, convocadas a superar conflitos e sair de sua zona de conforto, assumindo assim, de modo responsável e dialógico, o serviço universal do bem comum. As religiões têm um potencial ainda não aproveitado, à espera que seus próprios líderes e instituições avancem na releitura e aplicação das fontes sagradas à causa humanitária, em geral, e ecológica, em particular.

O papel dos distintos credos religiosos na interrelação do ecológico e do econômico poderá ser mais significativo à medida que os seus líderes e instituições traduzirem as virtudes religiosas em projetos de humanização, convivência global, educação ambiental e desenvolvimento sustentável. Neste sentido:

A crença na natureza sagrada, comum à toda a ecoespiritualidade, estabelece que todos os entes da natureza, sencientes ou não, são possuidores de uma essência vital comum, razão pela qual é urgente do ponto de vista da ecoespiritualidade a tomada de consciência dessa condição enquanto meio para superar as crises ambientais. O estabelecimento de uma nova consciência religiosa integradora nos libertaria dos riscos ambientais produzidos pelo antropocentrismo (SILVEIRA, 2019, p. 214) Trata-se do despertar ecológico das confissões: assunção de suas responsabilidades pela vida humana e planetária, a partir das próprias fontes religiosas (textos sacros, mística, teologia, moral) e em vista do engajamento ecológico ao lado das ciências, dos governos, das instituições civis e também das demais religiões.

De acordo com Boff (2004, p. 112):

As religiões trazem consigo uma antropologia de tipo eco-religioso, pois inserem o ser humano no diálogo entre o sagrado e a natureza, definindo qual seria o lugar e sua

responsabilidade entre, com e diante das criaturas. Isto se verifica nas religiões abraâmicas (Francisco de Assis, Talmud, Alcorão), nas tradições hindu-orientais (Brahman, Krishna, Buda) e nos cultos afro-brasileiros (orixás da natureza).

Com esse patrimônio antropológico e doutrinal, as religiões têm condições de investir mais e melhor na educação ambiental, a começar por seus próprios seguidores. Ao lado das escrituras sagradas e dos ritos, elas dispõem ainda de muitos instrumentos midiáticos e institucionais: igrejas, mesquitas, templos, centros culturais, editoras, sites, redes de rádio e televisão, escolas e universidades.

Neste sentido, a educação ambiental deveria predispor-nos para dar este salto pedagógico de uma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado apoiado na compaixão, pois, “os princípios éticos, que a razão é capaz de perceber, sempre podem reaparecer sob distintas roupagens e expressos com linguagens diferentes, incluindo a religiosa” (FRANCISCO, LS, 2015, n. 199).

Sensibilidade análoga, aliás, tem se verificado em determinados setores da Igreja Ortodoxa, com destaque para o patriarca Bartolomeu I (1940) de Constantinopla. Quiçá por ter transcorrido seus verdes anos num ambiente rural em que o tempo litúrgico se confundia com os ritmos da natureza, em 1989, o Santo Sínodo da sede patriarcal que dirige, declarou que o dia 1º de setembro era simultaneamente o início do ano litúrgico e festa da criação. Ele também organizou uma série de seminários sobre a ecologia.

Além disso, os valores convergentes ou consensuais (dignidade humana, reconhecimento da natureza como dádiva, primado do bem comum) permitem que a ecologia faça parte da agenda inter-religiosa, em nível local, nacional e internacional:

Pois o diálogo inter-religioso, além de seu caráter teológico, tem significado especial na construção da nova humanidade: abre caminhos inéditos de testemunho cristão, promove a liberdade e dignidade dos povos, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e para a convivência cidadã (CELAM, 2007, n. 239).

Assim, a consciência ecológica dos indivíduos e comunidades crentes colabora para o estabelecimento de um éthos mundial, conforme expressão de Küng (2004, p. 17):

Não haverá paz entre as nações, se não houver paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não houver diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não houver padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um éthos global, uma ética para o mundo inteiro.

A ARTICULAÇÃO DA TEOLOGIA CRISTÃ DAS RELIGIÕES EM FAVOR DE UMA TEOLOGIA DA VIDA

Nesse ambiente de pluralismo teológico denotativo de alteridade apareceu a teologia cristã das religiões, elaborada no contexto das tendências denominadas exclusivismo, paralelismo, inclusivismo e pluralismo no que concerne ao relacionamento do cristianismo com outras confissões. Trata-se de uma teologia que se foca na alteridade, pensa o caráter soteriológico cristão nas outras religiões e desenvolve o necessário diálogo inter-religioso, especialmente para uma fé que formula o sonho da construção de um mundo de paz.

Segundo as formulações apresentadas acima, a teologia não carece ser uma alocação de verdades terminadas em sua forma, mas uma reflexão crítica da fé inserida na história, preocupada com a vida humana e com a vida planetária. Nesse sentido, nas duas últimas décadas tem surgido uma preocupação teológica com a vida do planeta Terra, na qualidade de um planeta saudável e habitável. Os teólogos Jürgen Moltmann e Leonardo Boff têm se esforçado em articular uma teologia ecológica.

Cada um destes autores possui sua própria metodologia epistemológica, mas ambos concentram suas “reflexões na vida, formulando assim uma verdadeira teologia da vida”² (HINKELAMMERT, 1983, p. 7). O teólogo alemão tem elaborado sua teologia à luz da categoria esperança, pela qual iniciou um projeto de redimensionamento da escatologia cristã mediado pelos tratados da cristologia, teologia trinitária, pneumatologia e teologia da criação. Por sua vez, o teólogo brasileiro, conhecido militante da teologia da libertação latino-americana, buscou aprofundar a centralidade dos pobres em sua produção teológica, sensibilizando-se pelos problemas que colocam em risco a sobrevivência e a existência do planeta Terra. Já em seus primeiros estudos, esse pensador mostrava-se sensível à uma reflexão teológica sobre o cosmos e o sentido de sua existência e a função do ser humano na criação divina. E após ter produzido uma teologia de cunho sócio-libertador, admitiu uma abertura da ecologia para concretizar à relação do referido teólogo alemão, a supramencionada teologia da vida (BOFF, 1973). Há de se partir da premissa de que a natureza é a casa comum da humanidade, propiciando à ecologia ser denominada de economia doméstica, a fim de que se possa desenvolver uma ética da responsabilidade e do cuidado planetário, capaz de suscitar uma crítica radical à civilização que destrói os ecossistemas. Na perspectiva da crítica radical emerge a teologia ecológica, protetora e promotora da vida em todas as suas dimensões. Trata-se de uma teologia denotativa que se põe à escuta dos clamores da Terra que sangra, lacrimeja em dores e solicita auxílio por meios diversos, enquanto elabora o discurso crítico da afirmação de um Deus que é fonte de vida em abundância³.

Em todos os modos de produção teológica, o objeto a ser investigado será sempre o mesmo: Deus. Mas não se trata de uma investigação teodiceica, na qual se prima a razão filosófica. Trata-se de pensar esse objeto à luz do método teológico presente em toda forma de fazer teologia, cuja constituição é efetuada por dois

elementos: o *auditus fidei* e o *intellectus fidei*. O primeiro refere-se à escuta da fé mediante os dados inferidos da Escritura e a Tradição e interpretados à luz de uma hermenêutica textual que traz à tona elementos do contexto histórico, de ordem filológica, de intencionalidade do autor e de sentido efetivo da linguagem utilizada. O segundo é propriamente a articulação desses dados escutados com racionalidade da fé presente na sensibilidade histórica e nas mediações científicas, necessárias à elaboração de um complexo teológico. Por isso, a sensibilidade histórica contemporânea clama por um complexo teológico efetivamente ecológico, capaz de visualizar o entrelaçamento de todos os seres, interpretar a presença de Deus em seu meio como fonte de vida e afirmar a primazia da vida em toda a sua abundância. Nesse sentido, por teologia ecológica entende-se um complexo teológico que, formado de um método próprio, tem por objetivo refletir Deus à luz da análise de todas as questões que envolvem o entrelaçamento de todos os seres, em uma clara demonstração de que as partes constituem o todo e de que o todo está presente nas partes. Por isso, “a teologia ecológica haverá de abarcar as questões ambientais, políticas, econômicas, sociais, antropológicas e éticas, submetendo-as à uma análise hermenêutico-teológica denotativa de que a reflexão é efetivamente teológica” (GONÇALVES, 2006, p. 25). Esta afirmação é de fundamental importância para que não se confunda a reflexão teológica com qualquer outra reflexão preocupada com tais questões. Trata-se da elaboração de uma teologia que se legitima na própria história da teologia atual, na urgência de se buscar alternativas vitais ao planeta Terra e na construção de uma espiritualidade cósmica denotativa de todo o universo, ainda que tenha sua naturalidade originária, é obra de Deus.

A reflexão cristã a respeito da ecologia, visa estabelecer, à luz do pensar teológico, o entrelaçamento dos seres, o que a leva a centrar sua atenção sobre o planeta Terra, visto em sua totalidade constituída de natureza ambiental e de seres humanos, e ainda, visualiza-se a Terra em sua inclusão nos Cosmos, em evidente demonstração da complexidade sistêmica que se apresenta à teologia em questão. Para alcançar sua atenção, a teologia ecológica precisará adotar a reflexão da teologia da criação e da antropologia teológica como forma de conservar seu discurso teológico de modo eminente. Por isso, “a teologia ecológica haverá de refletir sobre a dignidade e a responsabilidade do ser humano em cuidar do planeta, concebendo-o teologicamente como um jardim que necessita de toda atenção do jardineiro” (ARNOULD, 2005, p. 58). Decorrente dessa afirmação será o desenvolvimento da reflexão sobre os benefícios da Terra, as garantias humanas e a vantagem das novas gerações à vida boa, tendo em vista a efetividade da comunhão de todos os seres, na qual Deus se faz presente tornando a criação não apenas sua obra boa, mas também sua *schechina* (“habitação”). Esta classe proveniente da civilização semítica e extremamente presente na teologia da criação, cujo significado é habitação, expressa a habitação de Deus em sua própria criação por meio de um movimento de autorrestrição. Deus não se situa fora da criação, mas

se apresenta dentro dela. Não se trata de uma visão panteísta, pela qual se afirma que Deus está em tudo de modo indiferente, mas de uma visão panenteísta, em que Deus está em tudo e em todos, fazendo-se uma presença viva e atuante. Por isso, a Schechina está relacionada teologicamente ao sábado da criação, dia em que Deus finalizou a sua obra, abençoou-a, santificou-a e descansou. A benção significa que a criação é uma obra de Deus e por isso é santa. Sendo bendita e sagrada, Deus repousa nela, faz dela sua morada e a destina como boa. Assim, a habitação significa a efetividade da aliança entre Deus, a natureza e o ser humano, em que se busca sempre elevar a vida em todas as suas dimensões.

Para que a teologia ecológica tenha sustentação epistemológica e mística, desenvolve-se em seu interior uma espiritualidade cósmica. Trata-se de ratificar um princípio importante em qualquer produção teológica: a de se autossustentar por intermédio de uma espiritualidade, tornando assim uma teologia espiritual. A espiritualidade proporciona à teologia ecológica afirmar que o Espírito de Deus está presente em cada ser vivo, suscitando vida porque é o Espírito da vida. E mais, é o Espírito que move todo o cosmos, enquanto conjunto de toda a criação, a um processo evolutivo que culminará na plena comunhão de todos os seres e nessa realidade, a comunhão com Deus.

A POSTURA DA IGREJA EM PROL DO BEM NATURAL

A Igreja, com prudência, por meio de seu ensinamento social, tem procurado conscientizar as sociedades sobre a problemática do ecossistema. Surge daí a preocupação de se defender o patrimônio ecológico como um bem coletivo, cuja tutela se configura como um dever de todos, não estando ele submetido a meras exigências individuais ou de grupos. É uma responsabilidade que deve amadurecer com base na globalidade da presente crise ecológica e à consequente necessidade de enfrentá-la globalmente, enquanto todos os seres dependem uns dos outros na ordem universal estabelecida pelo Criador: “é preciso ter em conta a ‘natureza de cada ser e as ligações mútuas’ entre todos, num sistema ordenado, qual é exatamente o cosmos” (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, n. 466).

A solicitude para com as demandas ambientais foi assumida também pelo Magistério eclesial, que passou a enfatizar a responsabilidade humana neste âmbito, como segue:

A humanidade de hoje, se conseguir conjugar as novas capacidades científicas com uma forte dimensão ética, será certamente capaz de promover o ambiente como casa e como recurso, em favor do homem e de todos os homens; será capaz de eliminar os fatores de poluição, de assegurar condições de higiene e de saúde adequadas, tanto para pequenos grupos como para vastos aglomerados humanos. A tecnologia que polui pode também despoluir, a produção que acumula pode distribuir de modo equitativo, com a condição de que prevaleça a ética

do respeito pela vida e a dignidade do homem, pelos direitos das gerações humanas presentes e daquelas vindouras (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, n. 465).

É importante de igual modo salientar que muitos dos discursos e preceitos sociais da igreja fazem-se presentes em “corpus de leis civis de vários países, a exemplo da constituição de 1988 da república federativa do Brasil” (SILVA, 1996, p. 16). A questão ambiental é responsabilidade de todos, e assim, as graves dificuldades ecológicas exigem uma essencial transformação de mentalidade que induza a seguir novos estilos de vida, nos quais a busca do bem e do correto, da esperança e do verdadeiro, do belo e do bom, e a comunhão com os outros homens, em ordem ao crescimento comum, sejam os elementos que geram as alternativas do consumo, da economia e da aquisição.

Tais estilos de vida devem ser inspirados na sobriedade, na temperança, na autodisciplina, no plano pessoal e social. É necessário sair da lógica do mero consumo e promover formas de produção agrícola e industrial que respeitem a ordem da criação e satisfaçam as necessidades primárias de todos. Uma semelhante atitude, favorecida por uma renovada consciência da interdependência que une todos os habitantes da terra, concorre para eliminar diversas causas de desastres ecológicos e garante uma tempestiva capacidade de resposta quando tais desastres atingem povos e territórios (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, n. 486).

A demanda ambiental, pela importância que tem, precisa conduzir a uma autêntica solidariedade de dimensão universal. Ela envolve inclusive matérias de fé, pois, na ótica do homem crédulo, a realidade do ser aponta para o mistério da criação, e também da providência que a sustém. Ignorar esta sensibilidade da maioria esvazia a concepção que se tem da natureza, depauperando-a:

Se, ao contrário, se chega a descobrir a natureza na sua dimensão de criatura, é possível estabelecer com ela uma relação comunicativa, colher o seu significado evocativo e simbólico, penetrar assim no horizonte do mistério, franqueando ao homem a abertura para Deus, Criador dos céus e da terra (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, n. 487).

A teologia católica realizou duas importantes iniciativas no âmbito do Magistério: acentuou oficialmente a articulação entre fé e razão e resgatou o pensamento escolástico de Tomás de Aquino como instrumento para a obtenção de um conhecimento sólido da teologia. No tocante ao segundo aspecto, este teve início ainda no pontificado do Papa Leão XIII, que concebeu o propósito de promover tal renovação tomando como base a obra do “Aquinate”, coisa que veio a redundar na publicação da encíclica *Aeterni Patris* aos 04 de agosto de 1879. Associada às citadas inovações de ordem epistemológica e teológica

está a influência de determinados fatos históricos do século XX, denominado de “o século breve”, no qual acontecimentos extremos se sucederam com prodigalidade: duas guerras mundiais, totalitarismos vários, múltiplos conflitos civis e a guerra fria. Além disso, há de se considerar também a evolução da mentalidade filosófica, assaz manifestada no pluralismo do século XX, sob a égide do que se convencionou chamar de “pós-modernidade”, que se caracterizou como um paradoxo da ruptura e continuidade com a modernidade mesma.

As mudanças acontecidas na cidade contemporânea denotativas de uma nova situação histórica e cultural, ocasionou à teologia o imperativo de estar atenta aos sinais dos tempos e superar a apologética supramencionada. Por isso, a produção teológica desta etapa dialogou com variadas ciências humanas, afim de enriquecer o pensamento cristão com novos enfoques, quais a teologia do profundo, a teologia querigmática ou existencial, a teologia da palavra, as teologias da história, a teologia transcendental e a teologia do mistério. Todas essas formulações foram flexíveis ao fato histórico, às tensões da humanidade, à busca do sentido da existência, à necessidade da integração dos cristãos e de um novo relacionamento do cristianismo com as outras religiões. Os assuntos abordados versaram sobre a relação da fé com a história, da fé com a razão, dos cristãos com os ateus, bem como do aporte cristão ao aperfeiçoamento de um mundo justo e fraterno. Essas teologias tiveram o seu ápice no Concílio Vaticano II, considerado um dos maiores eventos da Igreja católica no período contemporâneo, cuja concepção de fé é verdadeiramente uma *theologia mundi*. Assim, a teologia iniciou um caminho de abertura ao diálogo com o mundo atual, admitindo uma metodologia que exige escutar, ter cautela e ternura para afirmar uma palavra de fé viva. Por isso, o Concílio Vaticano II assumiu a primazia da palavra de Deus revelada na história, compreendeu que o mistério da fé é um mistério-sacramento e, portanto, somente pelo caminho da história torna-se possível compreender a presença de Deus e seu significado à vida humana. Assumiu-se uma metodologia indutiva nesse Concílio de modo que se pôde compreender a realidade histórica contemporânea, interpretá-la à luz da fé e da revelação e encontrar horizontes de ação que apontam para uma utopia histórica. Por isso, a teologia conciliar possui uma circunstância dialógica e iluminadora e abriu novos horizontes à produção teológica, por ter aguçado à ciência teológica a sensibilidade histórica e existencial.

Na direção do Concílio e com nítida demonstração de sensibilidade aguçada, a ciência teológica se desenvolveu sob um horizonte pluralista, hermenêutico e contextual. Isso significa afirmar a admissão de mais de um modo de fazer teologia e de compreensão e aplicação da hermenêutica em sua vertente histórica, estética, ontológica com desdobramento na linguagem. Sendo assim, nenhum modo de produção teológica se autoconcebe como singular e absoluto, mas aceita a necessidade de abrir-se às novas possibilidades de preparação e de aprimoramento de sua formalidade. Emergiram então, a teologia feminista, a teologia negra e as teologias contextuais. A primeira nasceu como uma teologia formada à luz

de uma hermenêutica do lócus da mulher oprimida pelo machismo uxoricida e assumiu progressivamente um caráter feminista marcado por uma antropologia humanocêntrica e integral que propiciou uma hermenêutica do gênero e do feminino. Criou-se uma teologia caracterizada pela sensibilidade feminina, pela possibilidade de se refletir teologicamente Deus como Pai e como Mãe, pela alteridade do próprio gênero humano. A segunda surgiu nos Estados Unidos da América do Norte, imbuída da finalidade de desenvolver o pensamento teológico a partir do locus do negro oprimido cultural e economicamente, vítima do racismo, do preconceito e da marginalização. Deste modo, imaginou-se teologicamente um Deus negro que liberta os negros da escravidão e os dirige à nova terra prometida. Essa teologia expandiu-se também para a África e em uma perspectiva contextual desenvolveu-se na forma de teologia africana, teologia sul-africana e teologia norte-africana, cujo escopo principal era o de falar de Deus a partir de um contexto marcado pela perspectiva do apartheid, da discriminação racial e cultural, pela busca da efetiva alteridade. Nesse mesmo sentido encontra-se a teologia asiática construída à luz da alteridade cristã, cultural, social e cósmica. Trata-se de uma teologia que se centraliza na tradição tão complexa que forma os povos da Ásia, no pluralismo religioso e no acontecimento de que a compreensão cristã de fé religiosa não é hegemônica. No entanto, a teologia asiática se configura como uma teologia da alteridade e da busca da comunhão nas diferenças. A teologia contextual de maior impacto nos últimos anos tem sido a teologia da libertação latino-americana que admitiu os pobres como lócus theologicus a ser proferido com a fé positiva. Nessa articulação, essa teologia objetiva explicitar Deus como libertador dos oprimidos, conceituar a libertação em sua integralidade e impulsionar os pobres a utilizar sua força histórica para a transformação da sociedade e implantar novas estruturas sociais, efetivamente justas e fraternas. Sua formulação complexa teórica foi considerada como um sistema teológico que assume a perspectiva dos pobres na elaboração de todos os tratados teológicos.

ESPIRITUALIDADE E ECOLOGIA

A obra da Criação confiada à humanidade simbolizada no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo é um dom de Deus. Assim se estabelece um pacto, uma aliança, um vínculo de responsabilidade entre Deus e seus filhos em benefício da vida na terra. O homem, por meio da conduta que assume no conjunto dos elementos naturais em que vive manifesta ou não sua fidelidade à supracitada aliança. Afinal, o Criador confiou à humanidade o zelo pelas demais criaturas, e isso faz crer que o cuidado ecológico firmará sua importância crescente na teologia e na ética cristãs. Tal necessidade tem se imposto “sobretudo nas últimas décadas, marcadas pela crise de energia e escassez de recursos naturais” (MAÇANEIRO 2011, p. 73). Torna-se imperioso, portanto, repensar conceitos consolidados como “natureza”, “criação”, “teologia” e “teologia da criação”, em vista de uma nova impostação que inclua elementos atinentes a

esta realidade que se impôs, além de incentivar hábitos voltados para a salvaguarda do ecossistema.

Ainda em relação a quanto foi dito, saliente-se que discorrer sobre a implantação de tal forma de agir, comporta o “mergulho” num conjunto de valores em que os bens originários, de uso comum da humanidade, são percebidos como essenciais à qualidade de vida. Isso também supõe a concepção da terra como espaço sagrado e hierofânico, no qual a produção agrícola não se limita ao mercantilismo. Ou seja, não se esgota no aumento da produção para o consequente maior lucro. Ademais, o desenvolvimento técnico e produtivo será enriquecido com as componentes da espiritualidade, que apontam para valores mais altos.

Assim procedendo, a pastoral irá exercer um papel pedagógico, na medida em que colocará o ser humano “dentro” e “em relação” com o universo, mais precisamente com a vida em sua complexidade planetária. Ao mesmo tempo, com base no que se viu, a reflexão teológica abordará temáticas relacionadas, para a articulação de um novo pensar e agir cristãos. Em ambos o homem, sem abrir mão da própria subjetividade, terá presente os valores comuns que o irmana a seus iguais, o que inclui realidades como equilíbrio ecológico e progresso com respeito à natureza. Ou seja, o homem, enquanto criatura integrante de um povo, irá encontrar na comunhão trinitária do Pai e do Filho e do Espírito Santo, seu modelo de referência.

Contudo, faz-se imprescindível que a “camaradagem” comum constitua e consolide a comunidade eclesial como lugar do encontro e comunhão do Transcendente com o ser humano. O povo de Deus também vive a realidade temporal como espaço sagrado em que todos são convidados. Por isso, habitualmente se diz que, ‘o Senhor chama mesmo os temerosos ou indiferentes a fazer parte dos seus e o faz com grande respeito e amor’.

Partindo dessa premissa, uma pastoral em favor do meio ambiente também enseja a formação de outra consciência a respeito da ecologia. Sumariamente, propicia o discernimento a respeito da realidade natural que nos é dada, mas ponderando sobre aquelas atitudes que conciliem benefícios e preservação, numa visão conjuntural em que a realização humana e o uso dos recursos disponíveis produzem evolução sem desestabilização do ecossistema. É aqui que a Igreja exerce um papel crucial, por formar seus fiéis a não apenas desfrutarem da natureza, mas a estabelecerem com ela uma relação de harmonia, inclusive porque a posteridade será vítima ou beneficiária das hodiernas opções. Dito de outro modo, o caminho de amadurecimento humano para a conquista de uma melhor vida coletiva, será fruto das escolhas que hoje fizermos.

Deste modo, a teologia ambiental procura abarcar a relação entre a criação, graça e pecado, encarnação, redenção e consumação; isto é, visa a integração e interdependência dos elementos que estabelecem a experiência salvífica dos batizados, E, no interior desta reflexão, conjuntamente proclama que todos os seres participam do projeto salvífico de Deus. Consequentemente, quando a pastoral se volta para a salvaguarda do meio ambiente, ela se integra na mesma lógica, em função do que, seu modo

de agir, ou seu método, é mais que uma ferramenta, é uma maneira de viver a fé, a missão evangelizadora, enfim uma espiritualidade no projeto salvífico.

A pastoral do meio ambiente tem um trabalho desafiador e transformador. A reverência para com a criação é veneração ao Criador. Preocupar-se com este grande oikos que é planeta não é um slogan, mas um dever da fé e um dever para com a vida. As sociedades precisam se transformar numa dinâmica ampla e de variada solidariedade que privilegie não a concepção do crescimento a qualquer custo, mas o desenvolvimento humano sustentável, tanto do ponto de vista social quanto ecológico.

O desafio agora é salvaguardar o “já criado” e articular uma pastoral ecológica ou do meio ambiente que faça a práxis da espiritualidade ecológica acontecer de verdade, para que possibilite à igreja católica apostólica romana que é sujeito da pastoral contribuir para a preservação do meio ambiente e dos recursos da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cristãos são convidados, portanto, a se solidarizarem com a temática aqui apresentada, sobretudo por meio de pastorais da ecologia e do meio ambiente. Estas devem promover cursos e outras atividades sobre a questão ecológica; criar programas próprios para redução do consumo; promover o simples plantio de árvores nas áreas disponíveis em seu território; cooperar com programas confiáveis existentes, denunciar o descaso de empresas, do poder público e do cidadão; promover mobilizações para esta causa; reafirmar o sentido do domingo, revendo a atual dinâmica da organização do trabalho e atividades cotidianas, entre outras. Atitude pastoral há em seu cerne um significado mais radical, ou melhor uma espiritualidade encarnada na realidade. Uma espiritualidade que surge do encontro do homem com o divino que o transcende e que deste brota o desejo de viver a comunhão com toda a humanidade, com os outros seres e com o cosmos. A mística proclama as necessidades das atitudes evangélicas e quem aprender a contemplar a beleza da natureza criada por Deus, aprende a contemplar a beleza dos outros seres.

As pastorais sociais ligadas à ecologia e ao meio ambiente carecem de ajuda para ser um profetismo que orienta para o próprio Deus. À luz da fé o fiel católico age na história, transformando-a em sintonia com o projeto de Deus, constituindo no hoje uma vida plena para as realidades criadas e almejando o Reino que há de vir.

Assim, a ecologia é a expressão que se torna atitude, que nos leva a agir em defesa da vida, pois a Terra é um macroorganismo vivo, que quer viver, mas sente o peso da destruição, da posse e da ambição do ser humano, causador de muitos males para a sua própria espécie e a todos os coabitantes do planeta. A crise ecológica, portanto, é algo real e bem perto de nossos olhos e somos responsáveis por ela. E esta crise deve ser enfrentada com todas as forças possíveis e com uma espiritualidade ecológica. Porque a vida requer um cuidado spiritu-

al. Precisamos nos deixar mover pela fé no Criador e defensor da vida. E isto significa que nossa prática religiosa e pastoral deve se dar também no campo da ecologia. A ecologia merece ser tratada numa pastoral específica, mas todas as pastorais e projetos eclesiais devem ter presente a questão ecológica.

ECOLOGY AND FAITH: A REFLECTION SEARCHING PASTORAL PRAXIS

Abstract: *trust in Creation and in God, should be, naturally, induce us to visible and practical engagement in defense of life. Should be ecological, like is our faith's God, the creator and defensor of life. The ecological speech and exercise are new, but because of faith we could feel much more challenged to take care and preserve life, even before hearing about ecological crisis. Is evident that nowadays we agree that our life and our health are intimately connected to oikós, the house of all of us, in other words, this is connected to health of planet, particularly with environmental and its resources, that are close to us and we need them. This thought becomes practical by observation of church theological speech about preservation of creation, supporting organisms to build ecological and environmental groups.*

Keywords: *Creation. Church. Environment.*

Notas

- 1 A Ecologia profunda amplia-se na medida em que ela é entendida como ontológica, e não como um conjunto de princípios de ética ambiental ou ambientalismo. A Ecologia de Profundidade foi proposta pelo filósofo Arne Naess em 1973 como uma resposta a visão dominante sobre o uso dos recursos naturais.
- 2 O termo “teologia da vida” é extraído do seu livro *As armas ideológicas da morte*. Trata-se de contestar e contrapor-se às estruturas sociais e antropológicas denotativas de morte de contrariedade à vida, bem como de formular um discurso teológico que afirme a vida humana vista em seu nexos corporal e em sua espiritualidade fundamental.
- 3 Dentre várias obras que tratam da questão, destacamos Boff (1981a, 1981b, 1984).

Referências

ARNOULD, Jacques. *Terra habitável: um desafio para a teologia e à espiritualidade cristãs*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Canção Nova, 2008.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOFF, Leonardo. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1984.

BOFF, Leonardo. *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1981a.

- BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1981b.
- BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Da possibilidade de morte à afirmação da vida: a teologia ecológica de Jürgen Moltmann*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- GOTTLIEB, Roger S. Introduction: Religion and Ecology: What is the connection and why does it matter? In: GOTTLIEB, Roger S. (org.). *The Oxford handbook of Religion and Ecology*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010. p.13-21.
- HINKELAMMERT, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*. Campinas: Verus Editora, 2004.
- MAÇANEIRO, Marcial. *Religiões e ecologia: cosmovisão, valores, tarefas*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MONDIN, Battista. *La metafísica di S. Tommaso d'Aquino e suoi interpreti*. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2002.
- PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica "Laudato SI": sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SILVA, J.A. A. A conferência da ONU sobre o meio ambiente e o desenvolvimento (ECO 92). In: OLIVEIRA, N. de A. (org.) *Ecoteologia Agostiniana*. São Paulo: Paulus, 1996.
- SILVEIRA, João Paulo. Religião e natureza na contemporaneidade: uma introdução às ecoespiritualidades. *Caminhos*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 211-224, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7060/3984>. Acesso em: 11 nov. 2019.